

CURSO INTERMEDIÁRIO DE TEOLOGIA

CURSO DE TEOLOGIA

**INTERMEDIÁRIO**



faculdade teológica betesda

Moldando vocacionados

## JERÔNIMO

Seu nome era Sofrônio Eusébio Hierônimus (Jerônimo), natural de Strido, na Dalmácia (antiga Iugoslávia). Ele estudou em Roma e foi batizado pelo papa Libério quando tinha cerca de dezenove anos de idade<sup>12</sup>. Muito estudioso, tinha o desejo de conhecer o mundo religioso e científico da época<sup>13</sup>. Em uma das diversas viagens que fez, contraiu uma grave doença, e durante o período de sua enfermidade acreditava ter Cristo aparecido a ele, reprovando-o pela devoção aos livros clássicos do mundo científico. Logo renunciou à carreira secular e dedicou-se a uma vida ascética e erudita. Seu testemunho pode ser verificado através de um trecho de uma carta sua:

Muitos anos atrás, eu tive, pelo amor do reino dos céus, deserdado a mim mesmo de casa, pais, irmã, parentes e (o mais difícil de tudo) da comida saborosa a que eu havia me acostumado. Eu estava em meu caminho para Jerusalém, para travar minha batalha, mas ainda não podia trazer-me a parte com minha biblioteca a qual havia colecionado com tanto cuidado e trabalho duro em Roma. E assim, miserável homem que eu era, jejuava apenas para que depois pudesse ler Cícero [...] E quando às vezes eu voltava ao meu juízo perfeito e começava a ler os profetas, seu estilo parecia rude e repulsivo. Eu falhei em ver a luz com meus olhos cegos, mas atribuía minha falta, não a eles, mas ao sol [...] Subitamente eu fui apanhado em espírito e largado diante do assento do julgamento do Juiz [...] Perguntou-me quem e o que eu era, e repliquei: “Eu sou um cristão”. “Você mente”, disse aquele que presidia: “Você é um ciceroniano, não um cristão. Porque onde seu tesouro está, ali também estará o seu coração”. Imediatamente eu fiquei mudo e em meio às batidas do chicote – porque ele havia ordenado que eu fosse castigado – fui torturado ainda mais severamente pelo fogo da consciência [...] Eu fiz um juramento e invoquei seu nome, dizendo: “Senhor, se eu alguma vez possuir livros seculares ou lê-los, tenho negado a ti” [...] De agora em diante eu leio os livros de Deus com um zelo maior do que tinha antes dado aos livros dos homens (Carta 22:30).<sup>14</sup>

### ASCETISMO – SER ASCÉTICO

Atitude sistemática de renúncia aos desejos físicos e psicológicos em prol de um aperfeiçoamento espiritual. Os ascéticos acreditam que a purificação do corpo ajuda a purificação da alma.

Jerônimo aprendeu o hebraico e viveu como ermitão nas proximidades de Antioquia entre 373 e 379. Foi conduzido à carreira eclesiástica em 379, quando ocorreu sua ordenação ao presbiterato. Com o apoio do papa Dâmaso, ele pregava em todos os lugares a respeito das bênçãos de uma vida monástica. Muitos se juntaram a ele, inclusive mulheres de grande projeção em Roma.

Sua enorme erudição o fez dedicar-se à tradução das Escrituras para uma nova versão, mais moderna e perfeita. As antigas traduções eram imperfeitas e já estavam degeneradas. O Novo Testamento foi completado em 388. Contando com a ajuda de amigos, ele traduziu o Antigo Testamento em Belém diretamente do hebraico, sendo dispensada a versão da Septuaginta. O produto final do seu trabalho foi a Vulgata, a tradução latina das Escrituras em uso na Igreja Católica Apostólica Romana até os dias de hoje.

## AGOSTINHO DE HIPONA

A Igreja da “era dos gigantes” teve em Agostinho seu ponto mais importante e influente desde os tempos apostólicos. Aurélio Agostinho, nascido em 13 de novembro de 354, era natural de Tagaste, atualmente Suk Ahras, na Argélia. Era filho de um rico homem chamado Patrício e de Mônica, uma piedosa cristã. Estudioso desde a infância, Agostinho estudou retórica em Cartago, cidade onde conheceu Flória Emília, com quem passou a viver

12. É importante destacar que nos primeiros séculos da Igreja a palavra papa também era aplicada indiscriminadamente aos bispos. Com o decorrer do tempo, o bispo de Roma, por se tratar da capital do Império, passou a exercer autoridade sobre os bispos das outras regiões, e podemos considerar que o primeiro bispo a defender essa autoridade foi o papa Leão I (440-461), cabendo a ele a designação de papa como a conhecemos atualmente.

13. WALKER, Williston. *Op. cit.*, p. 227.

14. LANE, Tony. *Pensamento cristão: dos primórdios à Idade Média*. São Paulo: Abba, 1999, p. 61, vol. 1.

em concubinato desde os 17 anos. Conviveu com ela por cerca de quatorze anos e teve um filho, Adeodato.

Em 384 começou a ensinar retórica na cidade de Milão, onde conheceu Ambrósio, bispo da cidade. Escutando seus sermões, começou a interessar-se pela fé cristã, momento em que começou a viver um longo conflito interior. Aliando o conflito causado pela pregação cristã ao estudo de filósofos neoplatônicos, Agostinho renunciou aos prazeres físicos. Abandonou sua concubina e foi batizado, junto com seu filho, por Ambrósio em 387. Poucos anos depois perdeu sua mãe, que orara por sua conversão durante muitos anos, e também seu filho. Foi ordenado padre na cidade de Hipona em 391, e em 395 tornou-se bispo.

Sua história de vida influenciou seu pensamento e escritos. Walker afirma que “Agostinho era homem dividido entre dois pendores: um, apaixonado e sensual; outro, intelectual e sequioso pela verdade”<sup>15</sup>. Ao achar a verdade, ele abandonou o lado apaixonado e sensual, pois sua conversão fora revestida de profunda piedade e mística. Aliás, foi justamente sua piedade mística o segredo da grande influência de Agostinho para a Igreja. Para ele, o primeiro pensamento a respeito de Deus era sempre o de uma relação pessoal com um ser, somente em quem o homem pode encontrar real satisfação e bem<sup>16</sup>. É famoso o seguinte trecho de uma oração de Agostinho: “*Ó Deus, tu nos criaste para ti, e o nosso coração não descansa enquanto não repousar na tua presença*”.

Como bispo, ele teve de deixar de lado a vida contemplativa de um monástico para se ater às funções pastorais. Cumprindo suas responsabilidades, escreveu uma série de obras que fizeram dele o mais importante teólogo da igreja ocidental desde o apóstolo Paulo<sup>17</sup>. As obras mais importantes de Agostinho são “Da Trindade”, que é uma sistematização da teologia e filosofia cristãs, escrita em 15 volumes; “A cidade de Deus”, onde são discutidas as questões do bem e do mal, da vida espiritual e material, além da teologia da história; as “Confissões”, sua autobiografia, divulgada por volta do ano 400. Também escreveu inúmeros sermões e cartas didáticas.

O ponto central de sua teologia era, sem dúvida, a teologia da graça. A salvação vem pela graça de Deus, que é totalmente imerecida e livre. Segundo Agostinho, essa graça vem a quem Deus escolhe, portanto Ele predestina aqueles que quer predestinar para o castigo e para a salvação<sup>18</sup>. No escrito “Da santa predestinação” ele afirma que “a fé pela qual somos cristãos é dom de Deus” e que a graça é a infusão do amor pelo Espírito Santo<sup>19</sup>. Tal doutrina foi fundamental para a insurreição da Reforma Protestante, impulsionando Lutero ao afirmar a salvação pela graça mediante a fé. O pensamento de Agostinho também foi fundamental para o pensamento de outro reformador, João Calvino, que, relendo Agostinho, retomou sua ideia de eleição.

Agostinho testemunhou acontecimentos decisivos da história que mudaram o rumo da Igreja, como o fim do Império Romano e da antiguidade clássica. Em 410 ele também viu a invasão de Roma pelos visigodos e, pouco antes de morrer, presenciou o cerco de Hipona pelo rei dos vândalos, Genserico.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. Qual foi a estratégia de Juliano, “o apóstata”, para restaurar o paganismo no império?
2. Como Ambrósio tornou-se bispo de Milão?
3. Jerônimo renunciou à carreira secular para dedicar-se a uma vida ascética. O que é ascetismo?
4. Qual é o ponto central da teologia de Agostinho de Hipona?

15. WALKER, Williston. Op. cit., p. 229.

16. Idem, p. 233.

17. GONZÁLES, Justo L. *Uma história...* cit., p. 173.

18. WALKER, Williston. Op. cit., p. 236.

19. Idem.

## 2

## A IGREJA NA IDADE MÉDIA: DE GREGÓRIO MAGNO AO CISMA ORIENTE-OCIDENTE

Os séculos IV e V foram marcados pela decadência do Império Romano. Foram várias as causas dessa decadência, tanto internas como externas. A pressão dos povos germanos (chamados de “bárbaros” pelos romanos), que entraram no império tanto pela força como por meio de convites de aliados para tornarem-se colonos, foi uma das mais significativas causas. Isso resultou numa enorme contradição, já que no final do século V tanto os invasores como os defensores do império eram germanos<sup>20</sup>.

Na Espanha houve a invasão dos vândalos, que se estabeleceram como um reino no norte da África, para onde se encaminharam pelo Estreito de Gibraltar. De lá fizeram novas incursões contra o império, inclusive à própria cidade de Roma, saqueada por eles em 455. Por serem os vândalos arianos, houve perseguição aos cristãos ortodoxos. Seu reinado na região só cessou quando houve a ajuda do Império Romano do Oriente (os bizantinos), que conquistaram a região em 533.

Na região da Gália se estabeleceram, entre outros, os francos, em cuja honra a região se chama hoje “França”<sup>21</sup>. Eles eram pagãos, porém o impacto da missão cristã, pela graça de Deus, os converteu ao cristianismo. Foram os francos que detiveram o avanço do Islã na batalha de Tours ou Poitiers em 732. Na região romana da Grã-Bretanha se estabeleceram os anglo-saxões, na região onde atualmente está a Escócia. Já a Itália foi invadida por vários povos germanos.

É óbvio que as invasões bárbaras afetaram muito mais a igreja ocidental (de fala latina) do que a oriental (de fala grega). No ocidente latino (que hoje é a Espanha, França e Itália) sobreveio um período de enorme caos. Esse é o período de maior transformação teológica da Igreja, que definiu seu caminho daí para frente. Sobre esse período, González afirma:

Foram tempos de dor, morte e desordem. O culto cristão, em lugar de centrar sua atenção sobre a vitória do Senhor pela ressurreição, começou a preocupar-se mais e mais com a morte, o pecador e o arrependimento. Por isso, a comunhão, que até então havia sido uma celebração, se converteu em um serviço de luto, e se pensava mais nos próprios pecados que na vitória do Senhor.<sup>22</sup>

Apesar de tamanhas transformações, a Igreja ganhou muita força neste período, tornando-se muito influente. Com as invasões bárbaras, boa parte da cultura imperial foi desaparecendo, e a única instituição que se preservou foi a Igreja. Daí que, “neste período, tanto o monaquismo como o papado tiveram um papel importante”<sup>23</sup>.

### A INFLUÊNCIA DE GREGÓRIO MAGNO E AS MUDANÇAS TEOLÓGICAS DA IGREJA

Neste período de afirmação do papado durante o declínio do império, Gregório Magno ganhou especial destaque. Foi a partir dele que a Igreja começou a sustentar seus principais pilares teológicos e eclesiológicos. Ele estava convencido de que, pela voz do Senhor, o cuidado de toda a Igreja foi confiado ao santo apóstolo e príncipe de todos os apóstolos, Pedro<sup>24</sup>. Gregório fortaleceu a ideia da sucessão apostólica a partir da igreja ocidental, rejeitando e condenando a postura de João Jejuador, como “bispo universal” a partir de Constantinopla.

20. GONZÁLES, Justo L. *Bosquejo...* cit., p. 23.

21. *Idem*, p. 24.

22. *Idem*.

23. *Idem*.

24. WALKER, Williston. *Op. cit.*, p. 248.

Apesar de agostiniano, Gregório expandiu todas as tendências eclesiológicas de Agostinho. Em seu sistema eclesiológico apareceram elementos que eram ausentes na eclesiologia agostiniana, tais como anjos, milagres e o diabo. Ele entendia que o homem era presa do pecado original, mas era resgatado dessa condição através do batismo. Mas avança afirmando que os pecados posteriores ao batismo não eram completamente eliminados, senão pela efetivação de obras meritórias feitas com a ajuda de Deus<sup>25</sup>. Outra novidade foi a sistematização da penitência como complemento à reparação pelos pecados cometidos após o batismo. Isso deu ocasião à ideia de um lugar para purificação das almas dos que pecaram após o batismo, sem contudo terem feito boas obras ou penitências: o purgatório. A ideia do purgatório não é original de Gregório, porém foi ele quem a popularizou.

A Ceia do Senhor ocupou lugar importante em sua eclesiologia, enfatizando que o rito sacramental era a repetição do sacrifício de Cristo, sendo útil para os vivos e para os mortos. Há também nesta situação a intercessão dos santos mortos. Ele afirmava: “Os que não confiam em obra alguma de sua própria feitura deveriam buscar a proteção dos santos mártires”<sup>26</sup>. Além de todas essas alterações sensíveis da eclesiologia, também é atribuído a Gregório a grande obra de reforma litúrgica, inserindo a música no ambiente eclesiológico, que ficou posteriormente conhecida como “canto gregoriano”.

Uma das suas maiores virtudes foi o incentivo e o patrocínio às missões. Graças a elas a Igreja cresceu consideravelmente na Europa Ocidental, chegando às Ilhas Britânicas, Escócia, Irlanda e muitos lugares da França. Através de Gregório Magno a igreja ocidental começa a estabelecer seus mais importantes traços que prevaleceriam durante a maior parte da Idade Média.

## CISMA ENTE ORIENTE E OCIDENTE

A Igreja caminhava bem, enquanto o império ruía. Esse foi o ritmo que se estabeleceu até que se deu o cisma entre a Igreja Latina (ocidental) e a Igreja Grega (oriental). Porém, para chegar a este estágio temos de passar necessariamente por outros. Há que se destacar, por exemplo, o avanço do Islã como uma nova ameaça ao império. O exército islâmico havia conquistado diversos territórios imperiais, incluindo cidades importantes para a vida da Igreja, como Jerusalém, Alexandria, Cartago e Antioquia. Mas nesse mesmo contexto surge na Europa um novo poder político, vindo do reino dos francos, com Carlos Magno.

No ano 800 o papa Leão III coroou Carlos Magno como imperador, celebrando uma cooperação de quase cinquenta anos entre o episcopado de Roma e os francos. Na mesma época, no lado oriental do império, Irene era a imperatriz bizantina. A coroação de Carlos Magno ganhou importância, não somente pela vontade de reestruturar o império, mas principalmente pelo poder destacado de um papa, legitimado no fato de coroar um imperador. O ano 800 significa o auge do poder político que um Papa exercera até então. Até aquele momento não eram os religiosos que consagravam os imperadores; ao contrário, eram os imperadores que escolhiam e nomeavam os bispos. Temos na coroação de Carlos Magno o início da queda do poder imperial e a ascensão do poder papal.

Nessa época o chefe da Igreja Latina era a figura mais importante do Ocidente, além de ser o representante pessoal do cristianismo ocidental no Oriente. Mas isso era apenas o começo. O poder do pontificado de Leão III nem sequer se aproximava da autoridade dos que o sucederiam. Muitos eventos ainda haveriam de ocorrer até que o ápice da autoridade papal fosse atingido por Inocêncio III entre os anos de 1198 e 1216.

Carlos Magno prezava bastante o monaquismo, muito mais pela sua obra educacional e cultural do que pelos ideais ascéticos. Porém, o monaquismo exerceria um papel importante em relação à Igreja e ao império ocidental. O século X fora caracterizado por uma intensa miséria, reflexo da decadência imperial. O pensamento dos homens da época era, necessariamente, monástico. No mesmo século X houve um verdadeiro reavivamento da forma religiosa ascética, que veria seu movimento crescer com muita força nos próximos dois séculos. A partir da fundação, em 910, do mosteiro de Cluny, na França, muitos outros começaram a ser construídos em toda a Europa Ocidental. Eles eram locais de busca intensa de religiosidade e também de sabedoria. Muitos levavam seus filhos para serem educados em mosteiros.

25. WALKER, Williston. *Op. cit.*,

26. *Idem*, p. 280.

No ano de 1049 foi escolhido como papa Leão IX. Sob seu pontificado a Igreja fortaleceria importantes doutrinas, que posteriormente tornaram-se dogmas. Entre elas temos a proibição do casamento clerical e a escolha do governo eclesiástico pelo próprio clero. Mas foi também sob sua autoridade que veio a ocorrer a mais importante divisão da Igreja cristã até então: o grande cisma do Oriente.

Já ocorria há muito tempo o distanciamento cultural, político e religioso entre os dois lados da Igreja. Isso se deu desde a divisão do Império Romano em ocidental e oriental. A transferência da capital de Roma para Constantinopla por Constantino, ainda no século IV, já daria o tom das intermináveis disputas. As sucessivas invasões “bárbaras” no Ocidente e a consequente mistura de povos, em detrimento ao fato de o Oriente permanecer praticamente intacto, também significou mais um motivo de diferenças entre os dois lados. Enquanto o Ocidente se via “misturado”, o Oriente permanecia como herdeiro do mundo clássico da cristandade helenística.

Os ritos tornaram-se diferentes, bem como a interpretação teológica da autoridade papal. Com o crescimento do poder do papa no Ocidente, o outro lado achava inconcebível a intervenção do Império Bizantino na igreja oriental.

Miguel Cerulário era patriarca de Constantinopla quando se deu a divisão. Ele iniciou uma campanha contra as igrejas latinas na sua própria cidade. Isso resultou em um processo de excomunhão contra Miguel Cerulário na igreja do Ocidente, que fora entendido pela igreja do Oriente como uma excomunhão de toda a igreja bizantina. Em contrapartida, a resposta de Cerulário e da igreja oriental foi na mesma moeda, excomungando o papa Leão IX. A separação se deu em 1054, porém teve seu pior episódio durante as cruzadas, quando houve o saque a Constantinopla no ano de 1204.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. Quais foram as principais causas da decadência do Império Romano entre os séculos IV e V?
2. Por que Gregório Magno foi importante para a ascensão do papado neste período?
3. Em que ano se deu definitivamente a separação entre as igrejas do Oriente e do Ocidente?

## 3

AS CRUZADAS NA ERA  
DOS ALTOS IDEAIS

As cruzadas representam um acontecimento muito significativo para a história da Igreja. Esse evento caracterizou-se como uma das principais marcas da Idade Média. Trata-se das empreitadas militares patrocinadas pela igreja ocidental para recuperar sua hegemonia na Terra Santa (Jerusalém e toda Palestina), dominada pelos islamitas maometanos desde 638, e frear o avanço dos turcos seljúcidas<sup>27</sup>, bem como recuperar os territórios por eles conquistados no Oriente.

O exército islâmico alcançou, com bastante êxito, muitos territórios importantes para o Império Latino (Ocidente) e também para o Bizantino (Oriente). Além de Jerusalém, os muçulmanos conquistaram a Península Ibérica (Espanha) e o sul da Itália (especialmente a Sicília). O Império Bizantino não conseguiu reunir forças para uma reação consistente. Por isso, seu imperador, Miguel VII (1067-1078), apelou ao papa Hildebrando para que o ajudasse. Isso se deu porque, sob o papado de Hildebrando, a Espanha foi reconquistada, vitória que levou todos os cristãos a apostarem que o cristianismo poderia repelir os maometanos<sup>28</sup>. Porém, o movimento só se deu a partir de 1095, com o papa Urbano II.

As cruzadas ficaram assim conhecidas devido à figura de uma cruz ostentada pelos soldados do exército cristão. Eles as ostentavam no peito, no escudo, além de estar presente também na bandeira.



Armaduras dos “cruzados” ostentando a cruz.

Apesar de as cruzadas terem sido um movimento permanente que se estendeu do século XI ao XIII, a tradição enumera nove grandes cruzadas (todavia, outras também podem ser consideradas). Vejamos:

**27.** Esses não são os “turcos otomanos”, povo que deu origem ao atual estado da Turquia.

**28.** WALKER, Williston. Op. cit., p. 309.

**PRIMEIRA CRUZADA (1095-1099)**

Foi proclamada por Urbano II em 1095 no Concílio da Igreja Ocidental, realizado em Clermont, na França. Lá ele fez seu chamamento à guerra santa contra os infiéis muçulmanos que haviam dominado a Terra Santa e ameaçavam o Império Oriental. Para isso levou ao conhecimento de todos as atrocidades realizadas contra os cristãos que peregrinavam a Jerusalém, a profanação de lugares sagrados e a dificuldade dos cristãos gregos no combate contra os turcos. Justo González indica o que aconteceu durante o discurso de Urbano II:

Antes mesmo que terminasse seu discurso, a multidão começou a expressar sua aprovação. Logo, o papa lhes ofereceu uma indulgência plena a todos os que morreriam na empreitada. Isto quer dizer que, qualquer pecado, por mais grave que fosse, lhes seriam perdoados, e iriam diretamente ao Paraíso. A multidão continuou expressando seu entusiasmo e, ao concluir o discurso, rompeu a gritar: Assim Deus quer! Assim Deus quer! Assim Deus quer!<sup>29</sup>

Para o sucesso dessa primeira empreitada militar, a Igreja contou com a nobreza feudal europeia, que armou três grandes exércitos. Desta forma, sob a liderança de Pedro, o ermitão, deu-se início à primeira cruzada, conhecida como “cruzada popular”. Após anos de avanços e conquistas rumo a Jerusalém, o exército dos cruzados (como eram chamados os soldados que participavam das cruzadas) tomou a cidade em 15 de julho de 1099, dia em que todos os habitantes foram passados ao fio da espada. A cruzada se encerrou em 12 de agosto de 1099, após a derrota do exército egípcio que viera em socorro dos muçulmanos, culminando com a completa conquista de Jerusalém.

A partir daí iniciou-se o reinado cristão na Terra Santa. O reino de Jerusalém se estendia de Antioquia, passando pelos condados de Trípoli, até Edessa. Em todo território muitas igrejas foram reconstruídas, outras erguidas, além de serem estabelecidos inúmeros mosteiros. Entre os mosteiros organizados um em especial obteve grande destaque após a conquista: o mosteiro do Templo de Salomão. Ele foi erguido no mesmo local onde havia estado o templo, e lá ficavam os monges guerreiros que participaram do exército dos cruzados. Assim foi fundada a Ordem dos Cavaleiros Templários, por Hugo de Payens, em 1119.

Essa ordem tinha como princípio a permanente defesa de Jerusalém contra o exército maometano. Eram conhecidos como bravos guerreiros e piedosos religiosos. Nada queriam de riqueza, por isso fizeram votos de pobreza. Eram admirados por todos, e logo sua fama chegou à Europa. Muitos, sensibilizados com a coragem e a vida devocional dos cavaleiros, faziam doações de terras e riquezas diversas à Ordem, que passou a ter bastante poder e dinheiro. Essa situação fez com que a Ordem se corrompesse e se desviasse de seu sentido original. Por isso a Ordem tornou-se ainda mais secreta, e seus documentos eram desconhecidos. A maçonaria proclama-se herdeira desse movimento, que fora extinto pela Igreja no século XIV.



**Figura de Jacques de Molay, cavaleiro templário executado em 1314 pela Inquisição.**

**29. GONZÁLES, Justo L. *Uma história...* cit.**

### SEGUNDA CRUZADA (1147-1149)

No ano de 1144 o reino de Jerusalém sofreu a baixa de um de seus mais importantes territórios, Edessa, já que ele fora capturado pelos muçulmanos. Desta forma, tornou-se necessária a promoção de uma nova cruzada. Ela se deu em 1147 e teve como seu principal líder Bernardo de Claraval. Walker afirma que essa segunda cruzada “não tinha, no entanto, o ardente entusiasmo da anterior”<sup>30</sup>, por isso muitos contingentes sofreram expressivas derrotas na Ásia Menor e em muitas regiões da Palestina, especialmente em Damasco.

Contando com a unidade dos povos islâmicos, outrora desunidos, o exército maometano, sob o comando de Saladino, dominou a cidade de Jerusalém, bem como boa parte da Terra Santa. O desastre foi profundamente marcante entre os impérios do Oriente e Ocidente, já que o Ocidente (Latino) culpa o Oriente (Grego-Bizantino) pelo insucesso da investida militar.

### TERCEIRA CRUZADA (1189-1192)

Essa foi a melhor e mais bem organizada cruzada. Três grandes exércitos foram preparados para guerrear contra os maometanos. Cada exército tinha um comandante importante: Imperador Frederico Barba Ruiva; Rei Filipe Augusto, da França; e Rei Ricardo Coração de Leão, da Inglaterra.

Porém, com a morte acidental de Frederico, o desentendimento entre os reis da Inglaterra e da França, aliado ao retorno inesperado de Filipe à França por causa de interesses políticos, foi fundamental para o fracasso da missão. Somente a região de Acre foi recuperada, e Jerusalém continuava sob o domínio maometano.

### QUARTA CRUZADA (1202-1204)

A quarta cruzada não teve nenhum efeito quanto à reconquista dos territórios dominados, porém foi fundamental para o agravamento religioso entre Oriente e Ocidente. O intuito inicial da retomada de Jerusalém fora desviado graças aos interesses comerciais dos venezianos, que foram contratados para o transporte dos cruzados. Não podendo pagar pelos serviços, os cruzados negociaram com os venezianos, que propuseram, em vez de dinheiro, que o pagamento fosse efetuado com a conquista de Zara, que pertencia à Hungria, o que de fato aconteceu.

Os venezianos também intermediaram uma nova proposta aos cruzados: que derrubassem do trono do Império do Oriente Aleixo III, que usurpara o trono de Aleixo, filho de Isaque II, que tinha sido deposto. O intuito dos venezianos era plenamente comercial, já que viam em Constantinopla grandes oportunidades de lucro. Aleixo prometera grandes recompensas aos soldados, bem como auxílio na expedição para a Terra Santa. Desta forma, misturado ao ódio dos ocidentais pelos gregos, os cruzados facilmente retiraram Aleixo III do trono. Porém, ao assumir, Aleixo não conseguiu cumprir sua promessa, o que gerou grande revolta, culminando na queda de Constantinopla em 1204. Ajudados pelos venezianos, eles saquearam as igrejas, levando preciosas relíquias e tesouros religiosos para a igreja latina.

Mesmo com esse evento o Império Oriental continuou, porém só reconquistou Constantinopla em 1261. Essa situação agravou profundamente o ódio entre os cristãos latinos e gregos, o que perdurou durante centenas de anos.

### CRUZADA DAS CRIANÇAS (1212)

Trata-se de um lamentável e doloroso episódio no qual foram reunidas milhares de crianças na crença de que apenas as almas puras poderiam libertar Jerusalém. Por isso crianças foram escolhidas para cruzarem os territórios e lutarem em Jerusalém. O grande absurdo ocasionou na morte de muitas crianças, sendo que a maioria morreu pelo caminho, de fome, frio ou devido a doenças. As poucas sobreviventes foram capturadas e vendidas como escravas para o Egito. Alguns entendem ser esse um relato lendário, porém há indícios históricos para considerá-lo verídico.

30. WALKER, Williston. *Op. cit.*, p. 312.

**QUINTA CRUZADA (1218-1221)**

Organizada para conquistar o Egito, como estratégia para chegar até Jerusalém. Inicialmente, os cruzados obtiveram êxito, conquistando alguns territórios. Porém, culminou em fracasso, já que os muçulmanos conheciam muito bem o território egípcio e atraíram os cruzados para uma armadilha. Recesos, resolveram recuar em 1221.

**SEXTA CRUZADA (1228-1229)**

Cruzada liderada por Frederico II, que tinha sido excomungado pelo papa Gregório IX, por ser considerado desertor, já que tinha partido para comandar a cruzada em 1227, porém retornou logo em seguida. Apesar disso, Frederico II partiu novamente para o levante em 1228, e em 1229 conseguiu, através de acordos feitos com o sultão do Egito, obter a posse de Jerusalém, Belém e Nazaré. Todavia, Jerusalém foi novamente capturada em 1244.

**SÉTIMA CRUZADA (1248-1254)**

A insistência cristã continuava, mesmo que muitos estivessem desanimados. Assim, Luís IX, rei da França, reiniciou o embate contra o Egito, conquistando a cidade de Damietta. Porém, uma expedição malsucedida fez com que Luís IX se tornasse prisioneiro, fazendo os cristãos pagarem um alto resgate por sua libertação.

**OITAVA CRUZADA (1270)**

Foi uma nova tentativa de Luís IX. Porém, seu alvo não era mais a retomada de Jerusalém, mas a conversão do sultão Bibars e do emir da cidade de Túnis ao cristianismo. A expedição mal conseguiu chegar ao seu destino e foi assolada por uma peste, que culminou na morte de Luís IX e de muitos soldados franceses.

**NONA CRUZADA (1271-1272)**

Foi a última tentativa de reconquistar a Terra Santa. Foi liderada pelo príncipe Eduardo da Inglaterra. Ele combateu o sultão Baybars do Egito, porém com pouco sucesso. Tentou estabelecer uma trégua com o sultão, mas não foi atendido. Surpreendido com a morte de seu pai, Henrique III, retornou à Inglaterra para, pouco depois, ser coroado Rei Eduardo I.

**RESULTADOS DAS CRUZADAS E SEUS REFLEXOS**

Do ponto de vista militar, as cruzadas certamente foram um fracasso absoluto. A Terra Santa continuou sob o domínio muçulmano, e não há como defender a ideia de que elas detiveram um avanço maior do islamismo. Porém, o período das cruzadas foi intenso quanto às mudanças estruturais na Igreja e em toda a sociedade ocidental. A seguir destacamos os principais reflexos deste período:

Surgimento de cidades importantes e muito fortes comercialmente, como as do norte da Itália, a região dos Alpes e do Reno, bem como Veneza;

Surgimento das vilas, como um novo sistema de organização social;

Contato do Ocidente com a civilização antiga do Oriente;

Despertamento intelectual e surgimento do escolasticismo;

Início e desenvolvimento das universidades;

Grande desenvolvimento artístico;

Florescimento de diversos movimentos religiosos populares, como os movimentos franciscano e dominicano.

Apesar de todos esses aspectos tidos como positivos, temos também neste período o surgimento da Inquisição como instituição de perseguição sistemática aos hereges, além do início da utilização das indulgências como forma de satisfazer interesses econômicos da Igreja. Essa junção de Inquisição e indulgências, entre os séculos XIV e XVI, culminou em muitas revoltas entre as camadas populares e também entre os intelectuais, que fizeram emergir em 1517 o importante evento de renovação espiritual denominado Reforma Protestante.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. O que foram as cruzadas?
2. Qual é a origem do termo “cruzadas”?
3. Qual era a extensão do domínio do exército islâmico no início do movimento das cruzadas?
4. O que teria sido a “cruzada das crianças”?

## 4

A REFORMA PROTESTANTE  
DE 1517

É errôneo considerar que a Reforma Protestante tenha sido fruto de um ato isolado do monge agostiniano Martinho Lutero, que teria, através de uma súbita revelação divina, desencadeado todo o movimento de protesto contra a Igreja Romana, que resultou em sua divisão. Ao contrário, tanto a contestação de Lutero quanto o movimento da Reforma são frutos de seu tempo e das inquietações da sociedade alemã desde os fins do século XV.

Por isso, não é possível analisar toda a repercussão deste acontecimento que mudou a história da humanidade sem estudar seu contexto histórico, social e religioso. Nesta lição, portanto, começaremos o estudo a partir do contexto imediatamente anterior ao ato de Lutero, que em 31 de outubro de 1517 fixou suas noventa e cinco teses contra as cobranças das indulgências como forma de obter o perdão dos pecados. Também faz-se necessário olharmos para Lutero, sua vida, seus anseios, sua luta e ideais antes e após seu corajoso ato contestador.

Olharemos também para os reflexos do protesto luterano, que alcançou a mente e o coração de muitas pessoas em toda a Europa, tendo em João Calvino e Ulrich Zuínglio os maiores defensores e propagadores da igreja reformada. Um olhar especial será dado a Calvino, já que ele foi o mais importante intelectual reformado e, assim como Lutero, foi responsável pela mudança do pensamento religioso e social de todo o Ocidente, perdurando até os dias atuais.

### O CONTEXTO EM QUE SE DEU A REFORMA PROTESTANTE

Vimos, ao final da lição anterior, que a sociedade havia ganhado inúmeras novidades durante e após o período das cruzadas. Algumas delas nós retomaremos agora, como o despertar intelectual e o surgimento das universidades, além do crescimento do uso das indulgências, pela Igreja no Ocidente, como a forma de obter o perdão dos pecados.

A sociedade ocidental no século XV estava passando por profundas transformações, e por isso mesmo inquietações intelectuais e religiosas se faziam presentes em toda sua população. É neste período que a história registra o surgimento da “Alta Renascença”, o ponto mais elevado da renascença ou renascimento.

Chamou-se de renascimento o movimento que redescobriu, revalorizou e resgatou as fontes literárias e artísticas da antiguidade clássica. Filósofos neoplatônicos foram relidos, bem como os pais da Igreja, especialmente Agostinho. Nesse movimento o interesse pelas línguas antigas, tais como o grego e o hebraico, foi fundamental para entendermos o apego de Lutero às línguas originais dos textos sagrados. Além disso, as artes conquistam um espaço muito importante, destacando-se nesta época artistas consagrados como Da Vinci, Michelângelo e Rafael.

Junto ao renascimento houve outro movimento importante chamado “humanismo”. Ele se destaca pela valorização e celebração do ser humano e sua humanidade. O humanismo é antropológico e antropocêntrico, ou seja, o ser humano passa a ser o centro de tudo. Trata-se de uma mudança fundamental, visto que a visão medieval sempre foi a de que Deus é o centro, sendo representado pela Igreja, e o ser humano apenas circulava em torno deles.

O que poderia, aparentemente, ser ruim para a fé tornou-se importante para o surgimento das contestações contra a Igreja. O fato de o ser humano andar sozinho fez dele um ser inquieto, em busca de satisfazer sua alma, que por sua vez estava em busca de Deus. Com a sua valorização, o ser humano se descobriu ainda mais pecador e, portanto, necessitava do perdão de Deus para não ser condenado ao inferno. Assim, este ambiente se tornou propício para a atuação do Espírito Santo, o que resultou num avivamento religioso.

O renascimento alcançou plenamente a Alemanha, que nos fins do século XV se tornara o grande centro do pensamento humanista. Em pouco tempo diversas universidades foram erguidas, inclusive uma em Wittenberg, local em que mais tarde Lutero lecionaria. Porém, junto com o avanço do pensamento intelectual, a Alemanha passava, bem como toda a Europa Ocidental, por um intenso momento de reflexão religiosa. O medo da morte eterna, como consequência dos pecados, era sentido por todos. Então, muitos dedicaram suas vidas aos mosteiros, com o pensamento de purificar-se para conseguir o perdão divino. No entanto, a maioria não tinha outra saída senão comprar o perdão da Igreja através das indulgências.

As indulgências ganham um capítulo especial neste contexto. Elas eram os pagamentos, em dinheiro ou bens, efetuados para obter perdão divino, que era concedido pela Igreja, e se tornaram uma importante fonte de recursos financeiros. Com eles a Igreja construía suntuosos templos. O auge desse acontecimento ocorreu em 1506, quando o papa Leão X decretou abusivas indulgências com a finalidade de construir a Basílica de São Pedro, hoje uma das maiores ornamentações de Roma. O dinheiro era pouco, por isso a Igreja vendia salvação, e vendia internamente, para conseguir recursos. Cargos de alta hierarquia, como o arcebispado, eram vendidos por enorme quantia de dinheiro ou bens. Também neste período “promoções” eram realizadas pela Igreja para que todos, até os mais pobres, pagassem suas indulgências, prometendo perdão dos pecados tanto da pessoa individualmente quanto dos parentes já mortos, que estariam sofrendo no purgatório.

Este era o cenário em que Martinho Lutero atuou, causando aquilo que seria a maior revolução da história da Igreja: a Reforma Protestante.

### JOÃO WYCLIFF E JOÃO HUSS

Ao contrário do que se pensa, o movimento de reforma não se inicia exatamente com Martinho Lutero. Outras pessoas antes dele levantaram teses contra a situação de degradação moral e teológica da Igreja. Os mais importantes foram João Wycliff e João Huss. Mais de um século antes de Lutero iniciar o movimento de reforma protestante, Wycliff (1329-1384), na Inglaterra, e Huss (1374-1415), na Boêmia (região da atual República Tcheca) já tinham se posicionado contra a corrupção do clero e condenado a autoridade papal como igual ou superior à autoridade das Sagradas Escrituras. Os dois precursores da reforma foram denunciados como hereges, e Huss foi condenado à morte pela fogueira.

### MARTINHO LUTERO E A REFORMA LUTERANA

Justo González resume bem as controvérsias que cercam uma das figuras mais importantes da história da Igreja:

Poucos personagens na história do cristianismo têm sido discutidos tanto ou tão acaloradamente como Martinho Lutero. Para uns, Lutero é o monstro que destruiu a unidade da igreja, a besta selvagem que pisou a vinha do Senhor, um monge renegado que se dedicou a destruir as bases da vida monástica. Para outros, é o grande herói que fez com que uma vez mais prevalecesse o evangelho puro, o campeão da fé bíblica, o reformador de uma igreja corrompida.<sup>31</sup>

Lutero não é figura a ser dispensada nas disciplinas que envolvem a história do mundo contemporâneo. Afinal, no meio de um mundo em transição (da Idade Média à Idade Moderna) ele deu um passo decisivo para que essa transição acontecesse definitivamente.

31. GONZÁLES, Justo L. *Uma história...* cit.

## MARTINHO LUTERO

Nascido em 10 de novembro de 1483, Martinho Lutero não era membro de família abastada; ao contrário, seu pai era um simples mineiro e de piedade não eclesiástica<sup>32</sup>. Mesmo com poucas condições, seu pai dedicou-se a dar a ele uma boa educação, pois tinha o desejo de torná-lo um advogado. Em 1501 Lutero ingressou na Universidade de Erfurt, onde foi influenciado fortemente pelo movimento humanista. Por isso, sua formação inicial foi nas artes, em 1505. Quando se prepara para ingressar na carreira do direito, foi surpreendido com a morte de um amigo próximo, quando um raio caiu próximo de onde ambos estavam. Lutero escapou da morte, porém não do anseio profundo da procura pela salvação de sua alma, já que se viu prestes a morrer. Nestas circunstâncias, ele resolveu ingressar na vida monástica, entrando num mosteiro de tradição agostiniana.

No ano de 1507 ele foi ordenado ao sacerdócio e no ano seguinte foi enviado para Wittenberg, com a finalidade de preparar-se para dar aulas na universidade local. Em 1509 graduou-se bacharel em teologia. Pouco tempo depois cuidou de estudar e ensinar a Bíblia, partindo das línguas originais, o hebraico no Antigo Testamento e o grego no Novo Testamento. Salmos e Romanos foram suas primeiras fontes de estudos.



**Martinho Lutero**

Apesar de toda a sua dedicação à vida religiosa, Lutero não estava espiritualmente completo, faltava paz à sua alma. O sentimento de pecaminosidade o atormentava, e nem mesmo as penitências o acalmavam. Foi neste período que Staupitz entra em cena em sua vida. Staupitz era o supervisor da congregação germânica da ordem agostiniana. Foi ele quem deu início ao pensamento de Lutero quanto ao amor de Deus. Sobre isso Walker diz:

Staupitz o auxiliou, ponderando que a penitência verdadeira começa não com o temor da punição de Deus, mas com o amor a Deus. Mas ainda que Lutero pudesse dizer que Staupitz foi o primeiro a lhe abrir os olhos ao Evangelho, sua visão foi se aclarando lenta e gradativamente.<sup>33</sup>

De qualquer forma, foi decididamente a própria Bíblia o elemento fundamental da transformação de seu pensamento sobre a graça de Deus e a sua salvação. Durante as preleções que ele fazia sobre os Salmos e Romanos, entre 1513 e 1516, Lutero foi convencido de que a salvação vem de uma relação pessoal com Deus, não por méritos próprios, por meio das mais diversas obras, mas através da plena confiança nas promessas graciosas de Deus. Pronto, a revolução já dera início em seu coração: pelo conhecimento que o Santo Espírito de Deus lhe proporcionou mediante o estudo da Palavra de Deus, Lutero começava a alimentar em seu coração as convicções que o levariam a protestar contra os desvios da Igreja.

**32.** Cf. WALKER, Williston. *Op. cit.*, p. 416.

**33.** *Idem*, p. 417.

## A REFORMA DE LUTERO E OS “PROTESTANTES”

Com o estabelecimento de que o perdão dos pecados depende da graça de Deus e de que isso se dá estritamente através da misericórdia divina, e não por merecimento, os olhos de Lutero se abriram para os abusos e o extremo misticismo da Igreja Católica. Não cabia mais em sua mente o sistema de indulgências, que vendia a salvação. Porém, sua revolta maior se deu após o conhecimento da venda do arcebispado em diversas regiões, pelo papa Leão X, a Alberto de Brandenburgo e das novas indulgências para a construção da Igreja de São Pedro em Roma.

Já convicto de que a salvação era pela graça mediante a fé, no dia 31 de outubro de 1517 Martinho Lutero afixou na porta da Igreja de Wittenberg – local tradicional de recados e propagandas da universidade – as suas noventa e cinco teses questionando a venda do perdão e a salvação através das indulgências.

A propagação de suas teses não foi em si a própria Reforma; porém, foi a fagulha necessária para incendiar o povo, que ansiava por um líder que desse alento às suas almas e também aliviasse seus bolsos comprometidos com essa espécie de tributo religioso. Entre suas teses estavam afirmações que atingiram em cheio os corações, tanto do povo pobre quanto da elite real. Vejamos alguma delas:

O Papa não pode perdoar dívida, senão declarar e confirmar aquilo que já foi perdoado por Deus, ou então o faz nos casos que lhe foram reservados. (6ª Tese)

[...] erram os apregoadores de indulgências ao afirmarem ser o homem perdoado de todas as penas e salvo mediante indulgência do papa. (21ª Tese)

A maioria do povo é ludibriado com as pomposas promessas do indistinto perdão, impressionando-se o homem singelo com as penas pagas. (24ª Tese)

Pregam futilidades humanas quantos alegam que no momento em que a moeda soa ao cair na caixa a alma se vai do purgatório. (27ª Tese)

Certo é que, no momento em que a moeda soa na caixa, vem lucro, e o amor ao dinheiro cresce e aumenta; a ajuda, porém, ou a intercessão da Igreja tão-só corresponde à vontade e ao agrado de Deus. (28ª Tese)

Irão para o diabo, juntamente com os seus mestres, aqueles que julgam obter certeza de sua salvação mediante breves de indulgência. (32ª Tese)

Todo cristão que se arrepende verdadeiramente dos seus pecados e sente pesar por ter pecado tem pleno perdão da pena e da dívida, perdão esse que lhe pertence mesmo sem breve de indulgência. (36ª Tese)

Deve-se ensinar aos cristãos proceder melhor quem dá aos pobres ou empresta ao necessitado do que os que compram indulgência. (46ª Tese)

Deve-se ensinar aos cristãos que o Papa, por um dever seu, preferiria distribuir seu dinheiro aos que em geral são despojados do dinheiro pelos apregoadores de indulgência, vendendo, se necessário, a própria basílica de São Pedro. (51ª Tese)

O verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo evangelho da glória e da graça de Deus. (62ª Tese)

Tais palavras soaram suaves como alento ao povo, porém foram agressivas a Roma e ao papa. Lutero entendia que todo cristão que sentisse a verdadeira compunção pelo pecado teria direito à plena remissão da pena e da culpa, mesmo sem cartas de perdão pela indulgência. Ele queria que o papa assim entendesse e cessasse a cobrança das indulgências, que empobreciam a cada dia mais o povo. Seu intuito era fazer Roma refletir, não dividir a Igreja. No entanto, não foi o que aconteceu. Mais tarde Lutero enxergou as pretensões papais como impiedosas e chamou-o de anticristo.

Lutero só conseguiu escapar da morte graças à proteção dos nobres, e em especial do príncipe Frederico, o Sábio. Foi Frederico que o escondeu, após Lutero rejeitar se retratar de seus escritos feitos até o ano de 1521 contra a autoridade papal e as indulgências. Ficou meses escondido e foi dado como morto. No esconderijo, Lutero fez sua tradução das Sagradas Escrituras para o alemão diretamente das línguas originais, significativo avanço, já que outra tradução existente era a partir da Vulgata, tendo sido grosseiramente malfeita.



**Lutero perante o tribunal em Worms, em 1521, ocasião em que não renegou seus escritos e pensamentos.**

Enquanto isso, movimentos de protestos aconteceram na Alemanha, especialmente entre os pobres, comandados, principalmente, por Filipe Melancton. A pior de todas as revoltas ficou conhecida como “Guerra dos Camponeses”, ocasião em que os camponeses reivindicaram maior liberdade aos latifundiários, numa oportunidade de união política aos ideais religiosos. Lutero afastou-se disso, não achando correto, e o final deste episódio foi trágico e quase comprometeu a Reforma. Não era a intenção de Lutero que os pobres morressem em uma guerra contra Roma, porém isso teria se tornado inevitável.

Apesar disso, o movimento de Reforma prosseguia e alcançava adeptos em diversas regiões da Alemanha e países vizinhos. Lutero resolveu dedicar-se à expansão reformada, que logo atingiu também os príncipes dos territórios alemães. Numa tentativa de retomada de poder da Igreja romana e do império, uma reunião com os príncipes foi marcada em fevereiro de 1529 em Reichstag. A maioria presente era católica, e ela ordenou a decisão de que o culto romanista seria permitido em todas as terras alemãs, bem como a proibição do culto luterano. Contra isso, porém, alguns príncipes resolveram realizar um formal protesto, redigindo o *Protestatio*. Daí se origina o nome “protestante”.

Lutero casou-se em 1525 com Catarina von Bora, ex-freira do convento de Nimbschen, que aderira à Reforma Luterana. Com ela teve seis filhos. Martinho Lutero faleceu em 1546, considerado o mentor espiritual da Reforma Protestante do século XVI.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. Qual foi a data em que Martinho Lutero iniciou o movimento da Reforma?
2. O que foi o “renascimento”?
3. O que foi o “humanismo”?
4. O que eram as indulgências?
5. Qual era o intuito de Lutero ao afixar as 95 teses na porta da igreja de Wittenberg?

## 5

## ULRICH ZUÍNGLIO E A REFORMA NA SUÍÇA

Um dos maiores exemplos de que a Reforma Protestante teve como suas causas primárias a evolução do pensamento humano e da sociedade medieval a caminho da modernidade é a Reforma iniciada na Suíça por Ulrich Zuínglio.

### ULRICH ZUÍNGLIO

Zuínglio era natural de Wildhaus, cidade suíça de fala alemã. Seu pai tinha boa posição na esfera jurídica da aldeia onde moravam, mas sua educação foi realizada por um tio que era chefe religioso da escola de Wesen e o colocou no caminho da cultura e da religiosidade.

Estudou na cidade da Basiléia e posteriormente em Berna, onde teve contato com o humanismo. Ao retornar a Basileia, teve contato com o humanista Tomás Wyttenbach, que lhe ensinou coisas preciosas sobre a fé e as Sagradas Escrituras. Dele, aprendeu que a única autoridade de fé sobre o cristão são as Escrituras, e o preço do perdão já foi pago por meio de Cristo, naturalmente inutilizando as indulgências. A partir disso Zuínglio tornou-se um dedicado estudioso das antigas fontes cristãs, especialmente da língua grega.

Como pároco de Glarus, acompanhou os jovens de sua paróquia como capelão durante várias campanhas militares. Os jovens suíços eram constantemente contratados pelo império como mercenários em disputas e guerras. Enquanto acompanhava os soldados mercenários, Zuínglio trocava correspondências com o famoso humanista Erasmo de Roterdã<sup>34</sup>.

Com o passar do tempo, fez oposição ao serviço militar dos jovens suíços pelos estrangeiros, e por causa disso ganhou força e popularidade. Por causa de seu extremo conhecimento intelectual e de sua pregação entusiástica e profunda, o povo de diversos cantos da Suíça começou a vê-lo como líder.



Ulrich Zuínglio (1484-1531)

34. Cf. WALKER, Williston. Op. cit., p. 440.

Diferentemente de Lutero, Zuínglio não reformou suas ideias religiosas por causa de uma grande crise espiritual, mas através do pensamento intelectual. Com apoio das ideias humanistas, chegou à conclusão de que a salvação não era fruto do sacrifício humano em fazer boas obras, ir à missa sacrificial ou cumprir diversos ritos religiosos, mas era por graça mediante a fé. Ele chegou a essa conclusão sem ter tido contato com Lutero. Posteriormente Zuínglio teve contato com as ideias luteranas e com o próprio Lutero. A maior de suas ideias estava firmada na centralidade da Palavra de Deus (*Sola Scriptura*) como autoridade máxima da vida cristã, e o que dela estivesse fora também estaria fora de propósito para a Igreja.

## A REFORMA SUÍÇA

Mesmo fazendo parte do império, havia muito tempo a Suíça gozava de certa independência. Pouca era a influência imperial nos governos dos chamados cantões suíços. Na época eram ao todo treze cantões que tinham ligações entre si em confederação, porém com independência administrativa interna. A Suíça já era uma espécie de estado a caminho da modernidade.

Roma não agia contra a independência suíça justamente porque tinha interesse na contratação de jovens suíços para formar um exército mercenário, que ficou prejudicado quando Zuínglio iniciou um movimento contra tal ato. Foi especialmente a partir disso, e da expulsão dos agentes clérigos que cobravam indulgências, que Roma decidiu agir contra o movimento reformado naquele país.

Com autoridade independente de Roma, as ideias que contrariavam a igreja romana não teriam dificuldade de aceitação na Suíça. Toda a reforma zuíngliana fora feita dentro de uma espécie de sistema democrático, com discussões abertas e debates francos entre Zuínglio e seus apoiadores, e o episcopado romano presente nos diversos cantões. Diante dos debates, as autoridades governamentais dos cantões davam causa ganha a Zuínglio, isentando-o de heresia e tomando, assim, partido da causa evangélica.

O governo civil do cantão de Zurique foi ainda mais longe, rejeitando a sujeição ao bispo romano e tomando todas as igrejas cristãs da cidade, sob a alegação de que somente a Palavra de Deus seria pregada, não havendo mais os ritos de penitências. A partir daí iniciou-se o processo de Reforma no território suíço.

A centralidade da Palavra de Deus era tão forte para Zuínglio que até mesmo a autoridade civil deveria agir de acordo com as Escrituras. Desta forma, ele não rompe com a unidade entre Igreja-Estado, permanecendo o vínculo entre eles. Walker ainda afirma:

A situação em Zurique realmente era esta: o governo cantonal introduzia as mudanças que ele [Zuínglio], como fiel intérprete da Escritura e líder natural do povo, persuadia o mesmo governo a decretar. Então, Zuínglio iniciou um processo de educação governamental e popular, no que teve grande êxito.<sup>35</sup>

Além disso, Zuínglio ainda negava o caráter sacrificial da missa, o valor intercessório dos santos, a existência do purgatório, além da obrigatoriedade dos votos monásticos. Também incentivou o casamento dos clérigos, o que, com a extinção dos mosteiros e conventos, fez gerar inúmeros casamentos entre ex-freiras e sacerdotes. Zuínglio ainda afirmava que a única autoridade como cabeça da Igreja era Cristo.

## DEBATES E CONTROVÉRSIAS COM LUTERO SOBRE A CEIA DO SENHOR

Zuínglio e Lutero concordavam em muitos aspectos sobre temas teológicos que geraram a Reforma. No entanto, havia uma fundamental discordância entre eles sobre um ponto da Ceia do Senhor. Lutero julgava que, diante da celebração eucarística, Cristo fazia-se presente. Para ele, as palavras de Cristo “este é o meu corpo” seriam literais, consistindo em uma promessa de perdão e restauração do pecador que participa da Ceia. Já para Zuínglio a interpretação era outra, pois as palavras de Cristo queriam dizer “isto ‘significa’ meu corpo”.

Um começou a escrever contra o entendimento do outro. Por isso, um dos príncipes alemães, Filipe de Hesse, combinou com os dois de se reunirem em Marburgo para procurar resolver suas diferenças e restaurar a unidade

35. WALKER, Williston. *Op. cit.*, p. 441.

protestante. Tal reunião aconteceu no ano de 1529. As convergências de ideias se deram de forma positiva em diversos aspectos, tais como: necessidade de o povo compartilhar diretamente o pão e o vinho; a vinculação da proclamação da Palavra à Ceia do Senhor; e a negação do sacrificalismo presente na tradição católica. Porém, não houve acordo quanto à presença de Cristo.

Tal atitude desses importantes líderes foi fundamental para que houvesse uma crise nos dois movimentos reformados, além de ter gerado um sensível prejuízo diante das pretensões reformadas de alcançar mais locais e atingir por completo a igreja romana. Zuínglio entendia que a forma que Lutero enxergava a Ceia do Senhor era muito católica e profundamente mística, contrariando seu pensamento racional. Já Lutero o acusava de ser anabatista, entendendo que a Ceia seria apenas uma repetição de rito, a ordenança de um memorial, descaracterizando seu sentido espiritual. Tal problema só foi solucionado quando João Calvino propôs uma teologia da Ceia do Senhor que abrangia as idéias luteranas e zuinglianas.

### O PROBLEMA COM OS ANABATISTAS

Os anabatistas surgiram como um movimento radical da reforma zuingliana. São seus expoentes Conrado Grébel e Felix Manz, que eram de famílias importantes da cidade de Zurique. Humanistas, desde cedo achavam que as ideias de Zuínglio eram muito conservadoras e pediram maior radicalização na quebra de tradições com a igreja romana. Sem que a sociedade estivesse ainda preparada, eles já lutavam pela abolição das imagens e da missa. Porém, a posição de maior dificuldade estava relacionada ao batismo. Eles criam que o batismo infantil não era bíblico, e por pouco, em 1523, com apoio de Baltasar Hubmaier, Zuínglio não foi convencido.

No entanto, Zuínglio resolveu manter o batismo infantil, sob a alegação teológica da promessa da aliança de Deus com as famílias, incluindo assim as crianças. Mas para o movimento liderado por Grébel e Manz isso não era correto, e eles lutavam para que houvesse um rebatismo de todos os que foram batizados na infância. Para eles o batismo deveria ser fruto de uma reflexão pessoal após a experiência da regeneração. Com a negação de Zuínglio, resolveram se reunir na casa de Manz, e no dia 21 de janeiro de 1525, depois de orarem, Grébel foi batizado por Jorge Blaurock, fato que despertou nos outros simpatizantes do movimento o mesmo sentimento.

Num primeiro momento, o movimento batizava, às escondidas, por aspensão. Algum tempo depois, pensando serem mais bíblicos, resolveram realizar o batismo por imersão. A reação do governo de Zurique foi brutal, como afirma Walker:

O governo de Zurique, em março de 1526, ordenou fossem afogados os anabatistas, parodiando horrendamente sua crença. Em 5 de junho de 1527 Manz foi assim martirizado. Grébel escapou só porque morrera de praga, um pouco antes. Zuínglio a eles se opôs com encarniçamento, mas pouco conseguiu demovê-los de sua posição.

A não submissão do grupo à teologia do batismo e ao sistema de Igreja-Estado fez com que eles vivessem sua fé em locais distantes, longe das igrejas que tinham vínculo com o governo. Eles foram os primeiros a reclamar a separação entre Estado e Igreja, fato que se tornou comum, já que se tratava de um momento de transição na história ocidental, da Idade Média à modernidade.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. Como Ulrich Zuínglio reformou suas ideias religiosas?
2. Qual foi a principal controvérsia entre Zuínglio e Lutero?
3. Quem eram os anabatistas?
4. Por que os anabatistas viviam sua fé distantes de Zurique?

## BIBLIOGRAFIA

- ALLMEN, J. J. Von, *Vocabulário bíblico*. 3. ed. São Paulo: Aste, 2001.
- BETTENSON, Henry. *Documentos da igreja cristã*. São Paulo: Aste, 1967.
- BRAATEN, C. E. *Dogmática cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.
- BROWN, Colin. *Filosofia e fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1989.
- CHADWICK, Henry. *A igreja primitiva: história da Igreja 1*. Lisboa: Ulisseia, 1967.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico - A vida de um camponês mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O nascimento do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CULLMAN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Líder, 2001.
- DREHER, Martin N. *A igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Sinodal, 1993. vol. 1.
- \_\_\_\_\_. *A igreja no mundo medieval*. São Leopoldo: Sinodal, 1994. vol. 2.
- ETIENNE, Gilson. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FARIA, Eduardo Galasso (ed.). *João Calvino: textos selecionados*. São Paulo: Pendão Real, 2008.
- FERREIRA, Franklin. *História da Igreja*. Rio de Janeiro: Seminário Teológico Batista do Sul, 2002 (Apostila).
- LANE, Tony. *Pensamento cristão*. São Paulo: Abba, 1999. vol. 1: dos primórdios à Idade Média.
- LEITH, John. *A tradição reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã*. São Paulo: Pendão Real, 1996.
- GONZÁLES, Justo L. *Bosquejo de História de la Iglesia*. Decatur: AETH, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Uma história ilustrada do cristianismo: a era das trevas*. São Paulo: Vida Nova, 1991. vol. 3.
- \_\_\_\_\_. *Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos altos ideais*. São Paulo: Vida Nova, 1981. vol. 4.
- \_\_\_\_\_. *Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 1981. vol. 5.
- \_\_\_\_\_. *Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1978. vol. 6.
- GREEN, V. H. H. *Renascimento e Reforma*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
- MCKIM, Donald K. *Grandes temas da tradição reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1999.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto S. *Experiência religiosa e crítica social no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Leopoldo - São Paulo: Sinodal-Paulus, 2004.
- WALKER, Williston. *História da igreja cristã*. São Paulo: Aste, 1967.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 14. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

## DICAS DE FILMES

### **CRUZADA (Kingdom of Heaven, EUA, 2005)**

Direção: Ridley Scott

Elenco: Brendan Gleeson, David Thewlis, Jeremy Irons, Liam Neeson, Marton Csokas, Orlando Bloom

Obs.: Retrata o início do período das cruzadas.

### **O NOME DA ROSA (The Name of the Rose, Alemanha/França/Itália, 1986)**

Direção: Jean Jacques Annaud

Elenco: Sean Conery, F. Murray Abraham, Cristian Slater

Obs.: Retrata o período anterior à Reforma – início do renascimento.

### **JOANA D'ARC (Joan of Arc, França, 1999)**

Direção: Luc Besson

Elenco: Milla Jovovich, John Malkovich, Faye Dunaway, Dustin Hoffman

Obs.: Retrata o período anterior à Reforma – condenação por heresia.

### **LUTERO: O FILME (Luther, Alemanha, 2002)**

Direção: Eric Till

Elenco: Joseph Fiennes, Claire Cox, Alfred Molina, Peter Ustinov, Uwe Ochsenknecht, Torben Liebrecht

Obs.: Retrata a história de Martinho Lutero e a eclosão da Reforma Protestante na Alemanha.



**faculdade teológica betesda**

Moldando vocacionados

## **AVALIAÇÃO - MÓDULO VII**

### **HISTÓRIA DA IGREJA II**

1. Quem foi Agostinho de Hipona e qual é o ponto central de sua teologia?
2. Quais foram as principais causas da decadência do Império Romano entre os séculos IV e V?
3. Explique o que foi o movimento das cruzadas e quais foram seus resultados.
4. O que foi a Reforma Protestante e por que ela ficou conhecida por esse nome?
5. Qual é a importância do humanismo e do renascimento para a eclosão da Reforma Protestante?
6. Como Zuínglio compreendeu a doutrina da salvação, contestando a venda das indulgências?
7. Quais eram as principais ideias dos anabatistas?
8. Qual foi a importância de João Calvino para o movimento reformado?
9. Comente os conceitos teológicos de Calvino a respeito da Ceia do Senhor e da disciplina eclesiástica.
10. O que foi a contrarreforma e o Concílio de Trento?

#### **CARO(a) ALUNO(a):**

- Responda cada QUESTÃO acima em folhas pautadas (com linhas) em letras de forma ou digite no computador, se preferir enviar via e-mail.
- Tanto via correio ou via e-mail, envie-nos as 5 Avaliações desse Módulo todas juntas, de acordo com as Regras Gerais (p.6):

Via Correio: CAIXA POSTAL 12025 - CEP 02013-970 - SÃO PAULO/SP

Via E-mail: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)

- Em caso de dúvidas ligue para o nosso SAA - Serviço de Atendimento ao Aluno.



# HERESIOLOGIA II